



EPEPE
V ENCONTRO DE PESQUISA
EDUCACIONAL
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento
na Perspectiva do Direito à Educação

Eixo Temático: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas

CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS DO DESENHO NAS PESQUISAS DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM ESTUDOS COM CRIANÇAS

Taynah de Brito Barra Nova – UFRPE/UAG

Agência Financiadora: CNPq

Resumo

Partindo de uma pesquisa que utilizou o desenho com crianças, este artigo objetiva analisar as contribuições desse instrumento como recurso metodológico para estudar representações sociais. O estudo envolveu 60 crianças do 1º ciclo de aprendizagem de 12 escolas municipais de Recife/PE. Nossos achados indicam e reforçam o valor do desenho como recurso metodológico para investigações no campo das representações, sobretudo em estudos junto a crianças.

Palavras-chave: Representações Sociais; Desenho; Metodologia.

INTRODUÇÃO

Representações sociais são conjuntos de conceitos, afirmações e explicações pelas quais as pessoas interpretam suas realidades na tentativa de compreendê-las. Um saber prático decorrente da experiência que orienta as condutas e comportamentos dos sujeitos. Nas representações estão incluídos valores, imagens, desejos, expectativas, e crenças.

Pesquisas realizadas na área educacional que adotam a Teoria das Representações Sociais como aporte teórico metodológico têm ganhado espaço na produção científica brasileira, uma vez que esse referencial surge como uma possibilidade de compreensão das dinâmicas que regem as práticas educativas (MACHADO, 2013). Esse olhar psicossocial proporcionado pela Teoria, além de afirmar que as interações educativas não ocorrem num vazio social, considera os processos simbólicos e se debruçam sobre como se formam e funcionam os sistemas de referência que os atores sociais utilizam para classificar pessoas ou grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana, além de comportamentos dos atores envolvidos nos processos escolares.

O potencial metodológico da Teoria das Representações Sociais constitui-se como estímulo para que os pesquisadores da área procurem novos caminhos para construir/produzir

dados que favoreçam e melhor evidenciem o que sabem e como sabem os sujeitos, ou seja, quais são e como emergem representações dos grupos. A Teoria oferece oportunidades de adequação dos procedimentos às características desses grupos, permitindo maiores aproximações com os objetos estudados.

Em virtude desse potencial da Teoria, o desenho como um recurso metodológico possui grande valor heurístico para estudos em representações sociais. Uma das vantagens do uso desse recurso seria a produção de um material mais espontâneo capaz de acessar elementos presentes nos valores, emoções, universos consensuais dos sujeitos.

Desenho é uma construção gráfica do que a criança sabe ou conhece acerca de um objeto. Desta forma, ele se caracteriza como uma recriação do objeto e não mera reprodução do real. Ele reflete a imagem e conceito do objeto a partir de quem desenha. Portanto, ao desenhar, a criança recorta e expressa significados do objeto representado. O desenvolvimento do desenho associado a crianças enquanto sujeitos de representações proporciona uma série de contribuições. Além de fazer parte de uma atividade comum a este grupo social, o que deixaria os sujeitos mais à vontade proporcionando um ambiente tranquilo e favorecendo a produção de dados mais espontâneos, também contribui para uma aproximação das representações imagéticas das crianças de forma mais espontânea.

Segundo Pereira (2009), a criança desenha o que lhe interessa, representando o que sabe de um objeto. Assim, é reforçado o valor heurístico do desenho como instrumento para aproximação da representação social deste grupo, pois, além de ser uma atividade agradável para as crianças, também torna acessível o contato com conteúdos imagéticos, carregados de sentimentos e valores acerca dos objetos sociais.

Com o objetivo de analisar as contribuições do desenho como recurso metodológico para estudar representações sociais, este trabalho toma como exemplo uma pesquisa que utilizou este instrumento com crianças em processo inicial de escolarização, a fim de se aproximar da representação social de escola entre estes sujeitos.

A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais foi elaborada pelo psicólogo social Serge Moscovici, em 1961 e sistematizada na obra *“La Psychanalyse, son image, son public”*. De acordo com a Teoria, as representações são formas de conhecimento compartilhado, elaboradas socialmente, que permitem ao indivíduo compreender e explicar a realidade, guiar comportamentos e ações e justificar tomadas de posição. Elas surgem da necessidade do

sujeito se informar sobre o mundo que o cerca, além do esforço de se ajustar a ele, saber como se comportar, dominá-lo física e intelectualmente, identificar e resolver os problemas que surgem.

Moscovici (2003) reconhece o potencial das representações e suas influências na conduta social. Ressalta que, por não serem estáticas, as representações sociais acompanham o movimento das sociedades e suas complexificações. “As representações sociais perdem, então o caráter derivado e abstrato associado com representações coletivas para se tornarem, de certo modo, um fenômeno concreto e observável” (Moscovici, 2003, p.202). Desta maneira, como afirma Duveen (2003), o passo inicial de Moscovici para a elaboração da Teoria das Representações Sociais foi considerar as representações como fenômeno, atribuindo-lhes mais dinamicidade, já que elas acompanham o ritmo complexo das sociedades modernas.

As representações sociais constituem “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (Moscovici, 1978 p. 26). Percebemos então o caráter prático das representações, que enquanto sistemas de interpretação orientam as relações das pessoas com o mundo e os outros, passam a reger as condutas e as comunicações sociais.

O desenho, enquanto recurso metodológico vem conquistando adeptos no meio acadêmico por favorecer o acesso aos conteúdos subjetivos menos influenciados pelos discursos e práticas dominantes, inovando na proposta de garantir novas possibilidades de contato com dados mais espontâneos e, portanto menos racionalizados.

As crianças enquanto sujeitos de pesquisas e de representações sociais

Nosso estudo propôs contribuir para a análise da escola pública, uma vez que introduz um novo elemento nesta discussão, do ponto de vista da representação social da população atendida, mais especificamente das crianças matriculadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental. O registro e a legitimação das opiniões, imagens e representações sociais das crianças trazem para o nível da discussão teórica o pensamento deste grupo social atendido pela instituição escolar.

Para iniciarmos a discussão sobre o valor do discurso das crianças, enquanto sujeitos de representações, é importante considerar como estas têm sido consideradas na literatura, e como a produção acadêmica tem contribuído para a construção de uma visão que pode orientar o modo como os pesquisadores e a própria sociedade, concebem a criança.

A relação entre os estudos acerca da escola, e as pesquisas que tratam as crianças enquanto sujeitos, já foi analisada por Pimenta (1998). Embora a autora ressalte que a produção científica sobre escola pública seja vasta dirigindo-lhes críticas de diferentes perspectivas (ensino, gestão, relações de poder, etc.) e elaborando propostas estratégicas de solução das mesmas, tem sido pequeno o número de estudos que se interessam em garantir espaço para as crianças por ela atendidas. Essa ideia é corroborada por Delgado e Müller (2005) que ressaltam o pouco espaço dado às crianças nas produções acadêmicas, afirmando que na produção brasileira sobre as crianças e suas culturas, ainda não há uma tradição de estudos que tratem delas por elas próprias.

De acordo com as autoras (2005) uma justificativa para a forma como as crianças têm sido ignoradas (e tantas vezes marginalizadas) no desenvolvimento de estudos está relacionada ao processo de socialização, que toma a criança como uma consumidora da cultura estabelecida pelo adulto, restando a ela adaptar-se para internalizar a sociedade. Porém, ressaltam Delgado e Müller (2005), as perspectivas teóricas interpretativas e construtivistas da socialização consideram que as crianças e os adultos são participantes igualmente ativos na construção social da infância e na reprodução interpretativa de suas culturas. É este tipo de visão que adotamos, uma vez que não concordamos que as crianças absorvam passivamente as realidades com as quais entram em contato, e que, por conseguinte, a elas não resta mais do que interiorizar e adaptar-se as regras, hábitos e valores do mundo adulto, mas sim de reelaborá-las, atribuindo significados ao mundo que as rodeia.

Pinto e Sarmiento (1997), citados por Delgado e Müller (2005), também reconhecem a capacidade simbólica por parte das crianças e a constituição de suas representações e crenças em sistemas organizados. Os autores sinalizam que tais representações, produzidas pelas crianças, são partilhadas nas interações entre seus pares, destacando também a necessidade de pesquisas que considerem as condições sociais nas quais vivem, com quem interagem e como produzem sentidos sobre a realidade que as rodeiam. Esses elementos perfazem as características de estudos em representações sociais, perspectiva teórico-metodológica à qual nos filiamos.

De acordo com Delgado & Müller (2005), três aspectos poderiam auxiliar no avanço do debate acerca de estudos e metodologias cujos focos sejam as vozes e ações das crianças. O primeiro diz respeito à resistência a ciência androcêntrica que nasce com a modernidade e que se caracteriza pela universalidade e generalização, uma vez que “os referenciais de análise contemplam uma voz racional, branca, masculina, ocidental, heterossexual, civilizada, ‘normal e adulta’ nas análises ‘sobre’ e não ‘com’ as crianças” (p.167). Como alternativa,

reivindicam alteridade por parte do pesquisador, valorizando o ouvir e respeitando o discurso das crianças.

O segundo aspecto que pode contribuir para acabar com a ausência das vozes das crianças nos estudos se refere à necessidade de uma etnografia das infâncias, que passe a considerar as crianças como capazes de interpretar e dar novos sentidos às relações que experimentam com o mundo, com outras crianças e com os adultos. Essa perspectiva implica em reconhecê-las como sujeitos capazes de descrever experiências válidas, não considerandolas como infundadas, sem sentido.

A consideração dos traços distintivos das culturas infantis como base teórica para a construção de outros modos de fazer pesquisas, seria o terceiro aspecto apontado pelas autoras que afirmam que as culturas das infâncias exprimem a cultura societal em que se inserem, mas reconhecem que as crianças fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo em que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo. Sendo assim, cabe ao pesquisador que terá crianças como sujeitos colaboradores de pesquisa, adaptar as estratégias metodológicas às características deste grupo, para que se torne possível capturar de forma real as vozes e ações das crianças.

Para Delgado e Müller (2005), essas ações, além de propiciarem, valorizarem e estimularem o desenvolvimento de estudos com crianças, também tornam possível aprofundar nas pesquisas “quem são as crianças, o que elas têm em comum, o que partilham entre si em várias regiões do Brasil e em outros países e o que as distingue umas das outras” (Delgado e Müller, p.167, 2005), favorecendo uma maior compreensão acerca da infância, uma vez que a contextualiza e aproxima de suas especificidades.

Em relação a tais aspectos, a Teoria das Representações Sociais responde de forma positiva. O primeiro aspecto diz respeito à alteridade, que deve ser uma qualidade inerente ao pesquisador de representações sociais, estar ciente de que não lhe cabe julgar as representações dos grupos sociais em comparações ao discurso científico. Em relação ao segundo aspecto, a consideração das crianças enquanto seres sociais, capazes de falar sobre suas preferências, sentimentos e motivações, vem se consolidando na produção em representações sociais. As crianças, como afirma o próprio Moscovici (2003), entram em contato com as representações sociais desde a primeira infância, e se relacionam com os fenômenos sociais, tal qual os adultos próximos, o que as torna um grupo social efetivamente apto a representar.

A vitalidade presente na noção de representação social torna possível a presença do terceiro aspecto no campo, pois enriquece essa proposta teórica. É dada aos pesquisadores de

representações sociais a possibilidade de refinamento das estratégias metodológicas, seja para melhor se aproximar do objeto a ser representado, seja para ampliar a proximidade com o sujeito que representa.

Partimos da consideração de que as crianças são agentes ativos na sociedade, que constroem suas próprias representações e, ao mesmo tempo, contribuem para a produção do mundo adulto. Consideramos também que a infância faz parte da sociedade e, como reforçam Delgado & Müller (2005), uma vez que pesquisas em diferentes culturas revelam uma variedade de infâncias em vez de um fenômeno único e universal, torna-se rico para a produção de pesquisas contextualizar a infância e adentrar no mundo de significações que a rege.

Conforme Demartini (2005), para melhor estudar as crianças, os estudos devem recorrer a estratégias que permitam ouvi-las. Relata pesquisas em que as diferentes pessoas de uma família (crianças, jovens e adultos) descrevem de forma distinta um mesmo evento. Para o autor, crianças de um mesmo grupo social ou que estejam vivenciando uma mesma circunstância podem dar informações relevantes sobre a realidade a qual estão submetidas e sobre os elementos que estão compondo sua subjetividade.

É partindo desta visão que compreendemos o valor da criança enquanto sujeito social - já que elas interagem com as pessoas, com as instituições, reagem aos adultos e desenvolvem estratégias para participar do mundo social. Desta forma, com nosso estudo temos a oportunidade de destacar a relevância da criança enquanto sujeito de representação social, além de reforçarmos o valor dos estudos desenvolvidos com esse grupo para enriquecer as discussões desenvolvidas acerca dos fenômenos sociais.

A escolha do desenho reflete a nossa preocupação em ter mais elementos que nos ajudassem a melhor compreender as representações de escola das crianças. Gobbi (2009) apresenta uma discussão defendendo a utilização do desenho infantil e da oralidade como instrumentos de pesquisa com crianças pequenas. A autora afirma que os desenhos podem e devem ser vistos:

(...) como documentos que permitem aos pesquisadores saber mais acerca desses sujeitos e não somente isso, possibilitam conhecer mais suas percepções da realidade por eles vivida, não sendo percebidos como textos escritos, mas sim como textos visuais que podem ser olhados, sentidos, lidos (Gobbi, 2009, p.76).

O desenvolvimento do desenho voltado a crianças enquanto sujeitos de representações proporciona uma série de contribuições. Além de fazer parte de uma atividade comum a este grupo social, o que deixaria os sujeitos mais à vontade proporcionando um ambiente tranquilo

e favorecendo a produção de dados mais espontâneos, também contribui para uma aproximação das representações imagéticas das crianças de forma mais espontânea.

Vygotsky (1984) já chamava atenção para uma importante característica do desenho infantil: a representação gráfica produzida consiste mais no que a criança sabe sobre o objeto desenhado do que o que ela vê no objeto. Dessa maneira a ilustração reflete a imagem e conceito do objeto, portanto recorta seu significado. Para o autor, o ato de desenhar da criança está envolvido com as características que ela conhece acerca do objeto:

Inicialmente a criança desenha de memória. Se pedirmos para ela desenhar sua mãe, que está sentada diante dela, ou algum outro objeto que esta perto dela, a criança desenhara sem sequer olhar para o original, ou seja, as crianças não desenharam o que veem, mas sim o que conhecem. Com muita frequência, os desenhos infantis não só não tem nada a ver com a percepção real do objeto como, muitas vezes, contradizem com essa percepção. (Vygotsky, 1984, p.148).

Segundo Pereira (2009), embora Piaget focalizando o sujeito do ponto de vista epistêmico e Vygotsky contemplando-o do ponto de vista social, as considerações de ambos acerca dos diferentes aspectos do desenho, se aproximam em relação à sua importância no processo de desenvolvimento da criança. Ela desenha o que lhe interessa, representando o que sabe de um objeto. Assim, reforçamos o valor heurístico do desenho como instrumento para captar, em conjunto com as entrevistas, a representação social de escola do grupo, pois, além de ser uma atividade agradável para as crianças, também torna acessível o contato com conteúdos imagéticos, carregados de sentimentos e valores acerca dos objetos sociais, no nosso caso, da escola.

METODOLOGIA

Adotamos a perspectiva qualitativa, que se preocupa com a captação de sentidos e significados. Conforme Minayo (1994) este tipo de pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, valores, crenças e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos (p.21).

O campo empírico e os participantes

O cenário de nossa pesquisa foi constituído por doze (12) instituições escolares, duas representando cada RPA¹ de distintos bairros da cidade. Embora diversificadas as escolas possuem em comum a localização em áreas periféricas da cidade. Das doze instituições escolares em que desenvolvemos nosso estudo, sete (07) funcionam em espaço escolar próprio e cinco (05) são residências adaptadas. Essas últimas dividem problemas comuns: salas de aula apertadas (algumas sofrem mais com o espaço reduzido por possuírem tapumes de madeira dividindo uma sala de aula de outra), pouca iluminação, banheiros pequenos e insuficientes para o número de alunos, além da falta de áreas específicas para recreação e merenda.

Participaram da pesquisa sessenta (60) crianças² matriculadas no primeiro ciclo das escolas municipais do Recife/PE. Na seleção dos participantes levou-se em consideração interesse e disponibilidade para participar da pesquisa. Seguimos a indicação do dirigente em relação à turma e tivemos a participação de alunos matriculados nos três anos do 1º ciclo do ensino fundamental.

Procedimento de coleta

Utilizamos como instrumentos de coleta a entrevista semi estruturada e o desenho. A escolha do desenho como método de coleta reflete nossa preocupação em utilizar um instrumento que, de modo menos interrogativo, nos ajudasse a compreender as representações de escola das crianças. Sodré, Reis & Guttin (2007) afirmam que atividades gráficas, como o desenho, podem reproduzir signos que indiquem conhecimentos, interesses, valores, dificuldades, ou seja, através do desenho e das palavras as crianças têm expressado sua subjetividade. Assim, a natureza deste instrumento garante, ao mesmo tempo, a produção de informações mais espontâneas do que as geradas através dos instrumentos identificadores de discurso, além de proporcionar a emergência de elementos presentes nos valores, emoções e opiniões dos sujeitos.

Formulamos três orientações que guiaram os participantes ao desenhar: a) O que a escola tem de mais importante; b) Como a escola deveria ser e c) O que acontece com quem não frequenta a escola. Inicialmente, conversávamos individualmente com cada um sobre

¹Na cidade do Recife as escolas que integram a Rede Municipal de Ensino são divididas em 06 Regiões Político Administrativas (RPAs), que representam a divisão político geográfica da cidade.

² A participação de crianças enquanto sujeitos da nossa pesquisa foi acompanhada e consentida pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, tal como aconselha a Resolução nº. 196/96 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Processo 200/10).

quem ele era, há quanto tempo estudava naquela escola, se já havia estudado em outra, como se sentia naquele espaço; em seguida solicitávamos que iniciassem a atividade do desenho. Essa conversa facilitava o relacionamento e tinha como objetivo deixar a criança mais descontraída para começar a desenhar. Ao concluírem seus desenhos, novamente conversávamos com a criança sobre sua produção, o que queriam expressar com ela, descrevendo-a da forma que lhe conviesse. Essa última conversa era gravada.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Analizamos os dados obtidos através dos desenhos e das entrevistas seguindo as orientações de Bardin (2004) para a técnica de Análise de Conteúdo e utilizamos o *Tema* enquanto unidade de registro. A Análise de Conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam em discursos extremamente diversificados. Seu objetivo consiste na manipulação de mensagens para evidenciar indicadores que permitam inferir sobre outra realidade que não a da mensagem explícita (BARDIN, 2004).

A escola, principal palco de atuação docente, é um espaço vivo, dinâmico, permeado por relações sociais. Como objeto de estudo, a instituição escolar oferece contribuições que possibilitam compreendê-la através de múltiplos olhares. O nosso estudo, através da abordagem teórico metodológica das representações sociais, estudou a escola, por meio de um olhar subjetivo, para compreender as representações entre as crianças da rede pública de ensino.

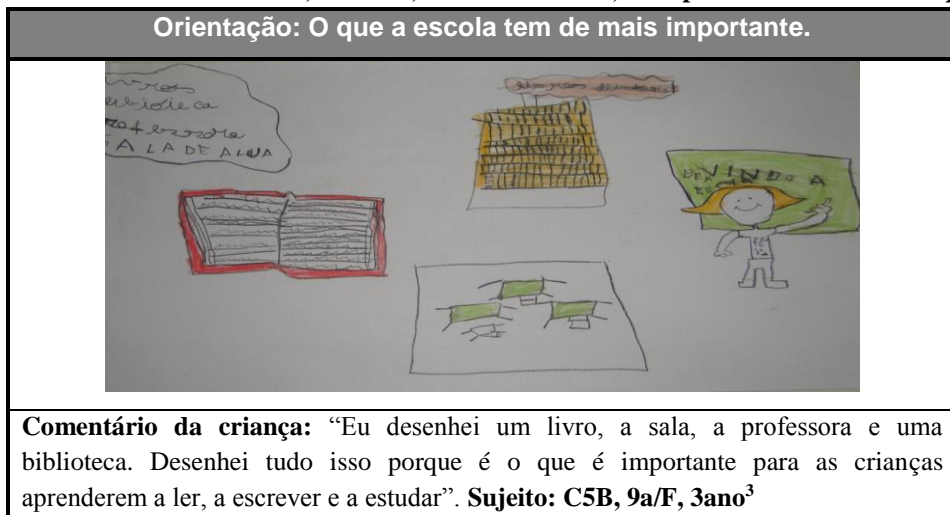
Tínhamos como intenção dar voz às crianças, principais usuários da instituição escolar, para compreendermos os sentidos e valores a ela atribuídos por este grupo social.

Os resultados nos levam a concluir que a escola está objetivada para as crianças como um portal e aqueles que conseguem fazer a travessia tem garantido um futuro promissor. Essa representação tem ancorada a escola como o local de aprendizagem dos conhecimentos e habilidades necessários para o acesso ao mercado de trabalho, superação das adversidades e reconhecimento social.

Para as crianças, a escola é o lugar que lhes garante as qualidades fundamentais para serem incluídas socialmente, além de ser concebida como, o espaço para a aquisição dos requisitos necessários ao ingresso no mercado de trabalho, e de torná-los merecedores de reconhecimento social. Trata-se de uma instituição valorizada pelas crianças, que confirmam o seu papel enquanto local de aquisição do saber sistematizado, que qualifica pessoalmente e confere as competências demandadas pela vida em sociedade.

A valorização dos espaços e objetos escolares destinados à aprendizagem, bem como o professor (DESENHO 1), pelas crianças reforça a consideração da escola como o lugar onde se oferece o ensino dos conhecimentos e competências desejados, que lhes possibilitariam um futuro melhor, sobretudo um emprego prestigiado. Para as crianças não há dúvidas de que a escola tem como papel a transmissão dos conhecimentos fundamentais para que o sujeito tenha melhores oportunidades na vida. Reconhecemos, assim, uma representação social da escola que reafirma a sua função social, qual seja, um espaço de formação e transformação das novas gerações.

DESENHO 01: Estante de livros, caderno, mesas e cadeiras, uma professora à frente do quadro.



O aprendizado dos conteúdos de teor ético e moral, também, foi apontado pelos participantes como de incumbência da escola. Conforme as crianças, enquanto espaço próprio para o ensino dos conteúdos necessários a vida em sociedade, à escola cabe também o papel de transmitir os ensinamentos voltados para as formas de se portar socialmente. Deste modo, para elas, é papel da escola garantir a aquisição dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento de uma vida plena. Desta forma, para as crianças, o sujeito que não teve a oportunidade de frequentar a escola não teria condições de se apropriar desses saberes. E, para as crianças, a sociedade valoriza quem é escolarizado, o sujeito não escolarizado seria visto com descrédito e como desqualificado.

³ Os sujeitos foram codificados recebendo uma ordem numérica conforme a ordem de participação na pesquisa. Consideramos a letra relativa a escola em que a criança frequentava, sua idade, sexo e ano em que estavam matriculadas. Exemplo: (C3N, 8a/F, 2ano) significaria Criança 3 do “Cenário N”, 8 anos, do sexo Feminino, matriculada no 2º ano do 1º ciclo de aprendizagem.

Notamos que para as crianças está depositada na escola a garantia da aprendizagem dos conhecimentos considerados necessários à sobrevivência em sociedade. A confiança dos participantes na aprendizagem oferecida pela instituição escolar é tão forte que eles não fazem nenhuma referência à possibilidade de fracasso escolar. Para eles a escola se configura como o local que lhes instrumentaliza para uma vida melhor. A representação social de possibilidade de ascensão através da escola, própria do ideário liberal, foi introjetada pelas crianças.

A relação entre a escola e o trabalho foi outro elemento recorrente nos desenhos dos sujeitos (DESENHO 2). Segundo eles, os conhecimentos adquiridos na escola, asseguram um lugar no mercado de trabalho. Seria a instituição escolar responsável por “abrir as portas” do mundo profissional. A permanência na escola passa a ser justificada com o objetivo de conseguir um emprego bem qualificado, prestigiado, dependente dos conhecimentos e competências adquiridos na escola e não da força física. Essa perspectiva de futuro é materializada pelas crianças no trabalho com carteira assinada, valorizado socialmente. As crianças representam a escola como um investimento feito no presente com retorno certo no futuro. A perspectiva de um emprego quando adultos é reforçada pelo desejo de inserção no ensino superior. A entrada na faculdade é almejada, embora para este grupo social, o conceito de faculdade ainda não esteja totalmente construído. Indicam a faculdade como caminho intermediário entre a escola básica e o emprego desejado e, por fim, uma vida melhor.

DESENHO 2: Desenho em dois planos: No primeiro há um local com armários e computadores com pessoas trabalhando, no outro uma pessoa carrega algo.

Orientação: O que a escola tem de mais importante.



Descrição do desenho: “A sala. Porque quem não aprende, não sabe de nada e não vai ser ‘alguém na vida’, vai ter que catar lixo pra vender e ganhar dinheiro. Quem vai pra escola arruma emprego”. **Sujeito: C2I, 9a/F, 3ano**

Também foi possível compreender que, para as crianças, as competências, atitudes e habilidades tidas como fundamentais pela sociedade como, por exemplo, o domínio da leitura e da escrita, estão relacionadas à possibilidade de melhoria de qualidade de vida e, assim, a obtenção de reconhecimento social. Para os participantes seriam estes saberes, garantidos pela escola, que lhes dariam oportunidades concretas de ingressar no meio profissional e alcançar a profissão desejada. A realização destes objetivos garantiria, para o grupo pesquisado, o seu reconhecimento social. Assim, tanto a qualificação pessoal quanto o ingresso no mercado de trabalho teriam como justificativa última torná-los “alguém na vida”. São depositadas na instituição escolar as capacidades necessárias para obter o reconhecimento, o respeito e a admiração dos outros, além de terem melhores condições de vida. Tais condições são elencadas sem dificuldades pelas crianças. Desta forma, para elas, a vida não reserva um futuro fácil para os que não frequentaram a escola, lhes restando opções de sobrevivência desprestigiadas socialmente como os empregos mais desgastantes, desvalorizados ou, até mesmo, a criminalidade.

Para as crianças, ter a possibilidade de ajudar financeiramente os familiares ou pessoas próximas seria uma das formas de se destacar no seu grupo. A representação social de escola, como promessa de um futuro mais digno, lhes aponta a possibilidade de, no futuro, contribuírem para a melhoria da qualidade de vida dos familiares.

É notável o alto grau de importância depositado na escola pelas crianças. O reflexo dessa valorização da escola sugere um forte interesse por parte dos alunos em aprender os conteúdos sistematizados pela sociedade e que passam a ser oferecidos pela instituição escolar. Chama-nos atenção, porém, a dissonância dos resultados desse estudo frente a posição que os professores possuem acerca das crianças na escola pública, pois muitas vezes e por diversas razões reafirmam o desinteresse das crianças pela escola e pela aprendizagem. Lins e Santiago (2001), por exemplo, demonstram que esse pensamento negativo por parte dos educadores transcende a instituição escolar e atinge os próprios estudantes que são vistos como “alheios à função escolar”, e consideram a frequência dos alunos na escola “*como um meio para passar o tempo, se ocupar, brincar, merendar, ou fugir da realidade social em que vivem*” (p.435). Este pensamento incorporado pelo educador, à prática docente pode acabar carregado de preconceitos acarretando uma postura de pouco empenho em oferecer uma educação de qualidade, negando ao aluno o que por ele é esperado (e valorizado): o ensino.

O presente estudo se coloca na contramão dessa suposta crença dos professores, que compreendem os alunos de escola pública alheios à função social da escola. Fica claro em nossa pesquisa que as crianças têm uma representação social positiva da escola, centrada,

sobretudo, nas possibilidades que lhes oferece para aprender conhecimentos diversos como leitura, escrita, informática, geografia, matemática e outros. E, principalmente, na perspectiva de um futuro promissor que lança aos seus usuários.

Destacamos que embora as crianças possuam uma representação social positiva da escola, foi frequente no estudo depoimentos e desenhos que demonstrem desaprovação das crianças acerca da infraestrutura escolar que lhes são oferecidas, bem como o desejo de melhores condições de aprendizagem, principalmente para os que estudam em escolas que funcionam de modo improvisado, como as residências adaptadas. Os resultados evidenciaram o desejo por condições mínimas como salas de aula maiores e mais confortáveis, bem como o de escolas bem estruturadas e ambientes escolares conservados. As crianças reconhecem que um espaço escolar mais adequado às necessidades do ensino aprendizagem garantiria maiores chances de sucesso escolar. Tanto para as crianças que frequentam as escolas instaladas em “residências adaptadas” como para as matriculadas nas escolas de grande porte, reconhecem que merecem mais do que lhes é oferecido em termos de condições de ensino. Há entre eles o desejo de estudar em uma escola organizada, limpa e com ambientes bem cuidados.

Entretanto, mesmo sendo evidente em seus depoimentos e desenhos desaprovação à escola em termos físicos, ela é representada como um lugar importante, fundamental para quem deseja a chance de ter uma vida melhor. Assim, compreendemos que se há a cobrança de uma escola melhor estruturada, o ponto central das reclamações recai sob questões referentes à qualidade da aprendizagem, confirmando a representação da escola focada em sua função social. Ela é a instituição própria de aprendizagem, que prepara os indivíduos para o mercado de trabalho e oferece os meios necessários para obter condições de vida melhores e mais dignas, garantindo assim reconhecimento social.

As indicações de uma representação social positiva da escola nos fazem refletir sobre a participação dos professores em sua construção. Consideramos que os docentes podem estar contribuindo para a elaboração desta representação positivada da instituição que, para as crianças, além de reafirmar a sua função social também desconsidera a possibilidade de fracasso escolar. Acreditamos que isso pode ser fruto da formação que os professores tem acesso, uma vez que seus alunos demonstram, através dos desenhos, confiança na escola para a aquisição das habilidades e competências valorizadas socialmente, além de demonstrarem o desejo de obter, após a conclusão dos estudos, um emprego como professora.

Diferentemente do que falaram sobre a escola nas entrevistas utilizando frases curtas e pouco elucidativas do que se perguntava, ao desenharem as crianças demonstraram mais

elementos para falar da escola e o fizeram com muito cuidado e zelo. Investiram tempo e revelaram dedicação presente no traço de figuras caprichadas e detalhadas.

Os desenhos, por elas apresentados, surpreenderam pela riqueza de detalhes. Revelaram desejos e expectativas em relação à estrutura física da escola: espaços de lazer, ou a biblioteca, mais banheiros para meninos e meninas, bebedouros, e salas de aulas mais ventiladas ou iluminadas, além de evidenciarem nos traçados situações de sucesso e fracasso proporcionadas, respectivamente, pelo acesso e não acesso à escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos apoiados na abordagem teórico-metodológica da TRS procuram se aproximar da maneira como se formam e funcionam os sistemas de referencia utilizados para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana, bem como para classificar pessoas e objetos sociais.

Devido a íntima relação traçada entre as representações sociais e a linguagem, a ideologia, o imaginário social e principalmente com a orientação das práticas e condutas dos indivíduos, os estudos de representações sociais evidenciam o trabalho direto com o caráter simbólico da atividade representativa dos sujeitos. Desta forma, a utilização de procedimentos metodológicos que favoreçam a emergência dos conteúdos subjetivos dos sujeitos, da forma mais espontânea possível a fim de evitar a produção de dados racionalizados, que podem veicular conteúdos comportamentais e mentais muito marcados por normas sociais, se mostra como um fator de relevância para os estudos da área.

Este trabalho teve como objetivo analisar as contribuições do desenho como recurso metodológico nas pesquisas que se apoiam na Teoria das Representações Sociais e trabalham com as crianças como sujeitos que representam. Partindo de uma pesquisa que utilizou este instrumento com crianças, o desenho como instrumento de coleta/produção de dados mostrou-se valioso para o estudo uma vez que por se configurar como uma prática comum do grupo pesquisado criou proporcionou o acesso a elementos simbólicos de forma mais espontânea, além de tornar possível o contato com conteúdos imagéticos carregados de sentimentos e valores acerca do objeto social pesquisado.

Os resultados do estudo sinalizam pistas para as práticas pedagógicas e para as políticas educacionais. No âmbito das práticas pedagógicas sugere a necessidade de se enxergar, sob outras perspectivas, as crianças que frequentam essa escola pública, isto é, mobilizar os professores, sobretudo através de processos de formação continuada, a fim de

conhecerem mais o aluno que a frequenta e os significados positivos que atribui à instituição escolar. As crianças depositam grande esperança no poder de superação de sua condição de classe a partir da escola. Essa representação não pode ser desconsiderada, e sugere um novo olhar sob o sujeito que aprende.

Por outro lado, propõe o desafio às políticas públicas da oferta de uma escola de qualidade. Entendemos que o Brasil acumulou um atraso de mais de 100 anos até admitir que a escola pública não deveria ser para poucos, mas para todos. Apesar de o acesso à escola ser favorecido, as desigualdades permanecem presentes. No nosso estudo fica evidente que as crianças reconhecem as dificuldades de infraestrutura, materiais de apoio e de outras oportunidades educativas diferenciadas. O efetivo direito à educação passa, portanto, por essas garantias ainda a se conquistar.

Por fim, reconhecemos que nosso estudo gera novas questões de pesquisa no mesmo campo, além de maior aprofundamento no estudo das representações sociais de escola.

Sugerimos, pois, a partir de nossos resultados, o desenvolvimento de pesquisas de natureza etnográfica, que focalizem as relações pedagógicas existentes nas salas de aula, a fim de elucidar se as representações sociais de escola das crianças são reforçadas, ou quem sabe enfraquecidas, no cotidiano escolar. Reconhecemos, também, que estudos centrados em histórias de sucesso escolar de sujeitos oriundos da rede pública de ensino trariam dados interessantes para essa discussão, pois, cientes da confiança depositada na escola pelas crianças, teríamos a oportunidade de nos aproximar dessas referências de sucesso a partir escola que estão contribuindo e influenciando a construção e consolidação das representações sociais de escola das crianças de meios sócio econômicos desfavorecidos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Portugal. Edições 70. 2004.
- DELGADO, A.C.C; MÜLLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**. V.35, n.125, (p.161-179), maio/ago. 2005.
- DEMARTINI, Z.B.F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A.L.G.; DEMARTINI, Z.B.F.; PRADO, P.D. **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. São Paulo: Autores Associados, (p. 1-17), 2005.
- DUVEEN, Gerard. Introdução: O poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: Investigação em Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003. P.7-28.
- GOBBI, M.A. **Desenho Infantil e oralidade: instrumento para pesquisas com crianças pequenas**. In: FARIA, A.L.G.; DEMARTINE, Z.B.F.; PRADO, P.D. **Por uma cultura da**

- infância: metodologias de pesquisa com crianças.** São Paulo: Autores Associados, (p. 69-93), 2009.
- MACHADO, L.B. **Incursões e Investigações em Representações Sociais e Educação.** Recife, Editora Universitária UFPE, 2013.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, prática e criatividade.** 23 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** Tradução: Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- PEREIRA, Laís de Toledo Krucken. **O desenho infantil e a construção da significação: um estudo de caso.** Disponível em: <http://portal.unesco.org/culture/en/files/29712/11376608891lais-krucken-pereira.pdf/lais-krucken-pereira.pdf>. Acesso em: 31 Jan. 2009.
- PIMENTA, M.O.S. de S. **Imagens da Escola: significado de representações sociais de alunos da escola pública.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. 1998.
- PINTO, M; SARMENTO, M.J. (Coord.). **As crianças: contextos e identidades.** Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.
- SODRÉ, L.G.P.; REIS, I.T; GUTTIN, J.M.S. **Análise dos elementos da natureza nos desenhos livres de crianças da Educação Infantil.** In: VI Congresso Internacional de Educação, 2007, Concórdia - Santa Catarina. Educação, visão e crítica e perspectivas de mudança. Concórdia: Universidade do Contestado, 2007.
- VIGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo. Martins Fonte, 1984.